



Thalita Rebouças

AUTORA COM 2 MILHÕES DE
LIVROS VENDIDOS

Confissões
de uma **garota**

excluída,
mal-amada
e (um pouco)
dramática

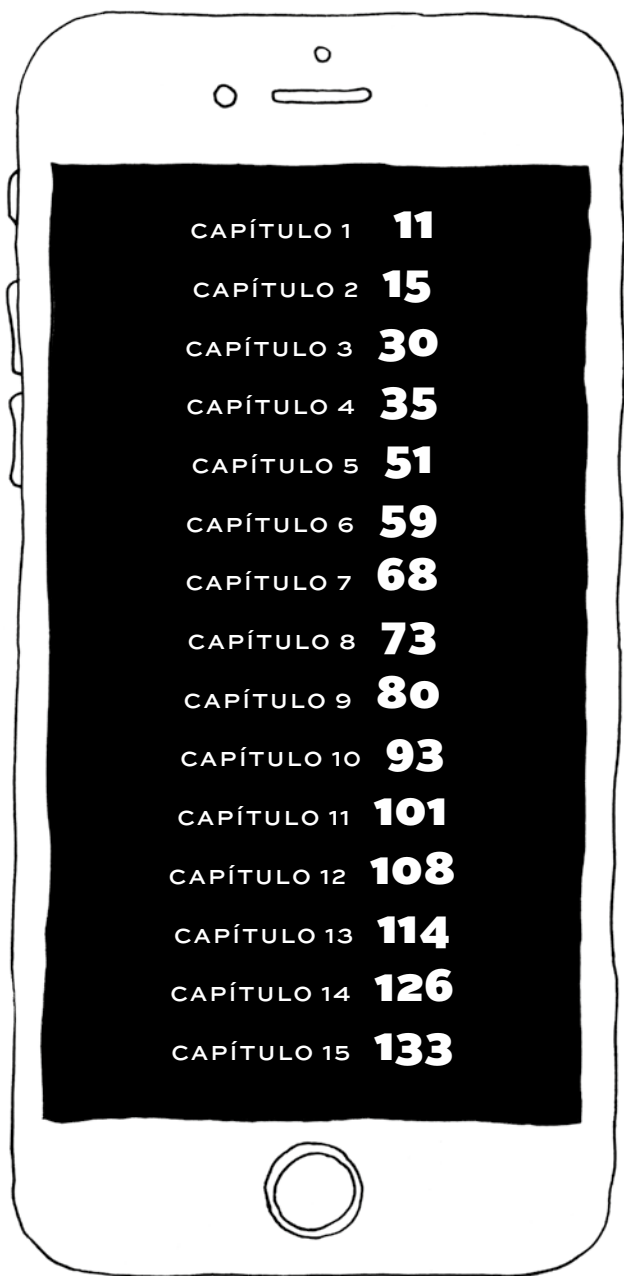


Para o melhor avô do mundo, José, o Nininho,
que me amou imensamente, me fez gostar de ler
e certamente é o anjo mais bacana lá de cima.



· **Agradecimentos** ·

Um beijo especial para todos os leitores
que confiaram em mim
e me contaram suas histórias de bullying.



CAPÍTULO 1 **11**

CAPÍTULO 2 **15**

CAPÍTULO 3 **30**

CAPÍTULO 4 **35**

CAPÍTULO 5 **51**

CAPÍTULO 6 **59**

CAPÍTULO 7 **68**

CAPÍTULO 8 **73**

CAPÍTULO 9 **80**

CAPÍTULO 10 **93**

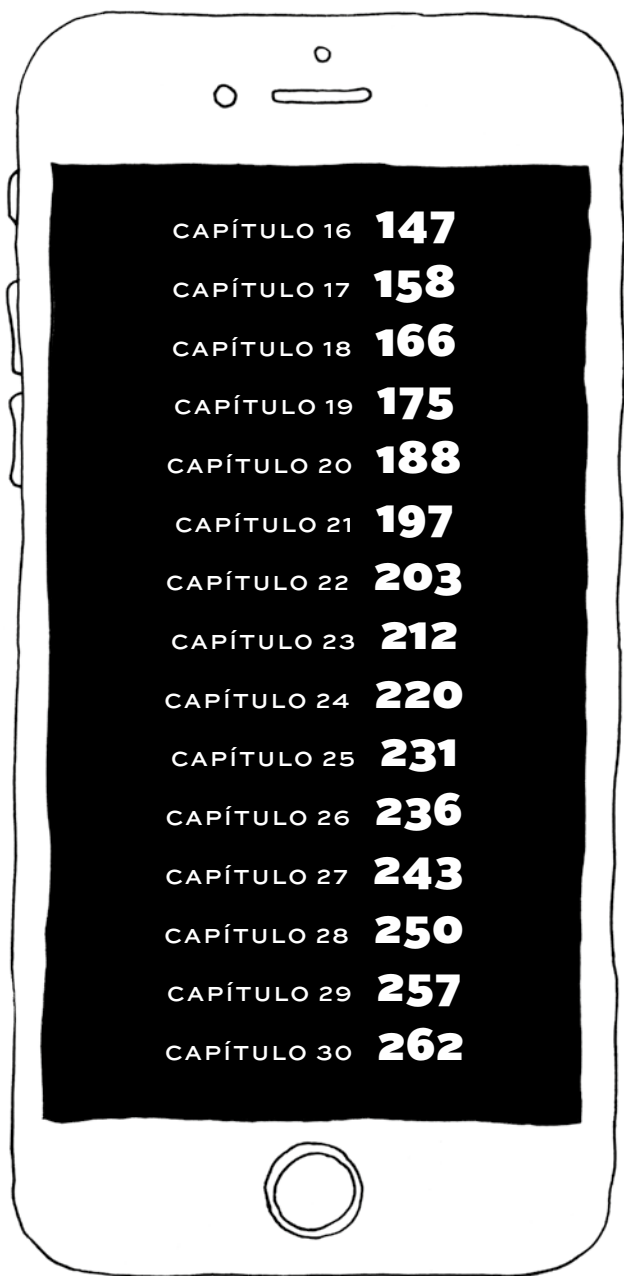
CAPÍTULO 11 **101**

CAPÍTULO 12 **108**

CAPÍTULO 13 **114**

CAPÍTULO 14 **126**

CAPÍTULO 15 **133**



CAPÍTULO 16 **147**

CAPÍTULO 17 **158**

CAPÍTULO 18 **166**

CAPÍTULO 19 **175**

CAPÍTULO 20 **188**

CAPÍTULO 21 **197**

CAPÍTULO 22 **203**

CAPÍTULO 23 **212**

CAPÍTULO 24 **220**

CAPÍTULO 25 **231**

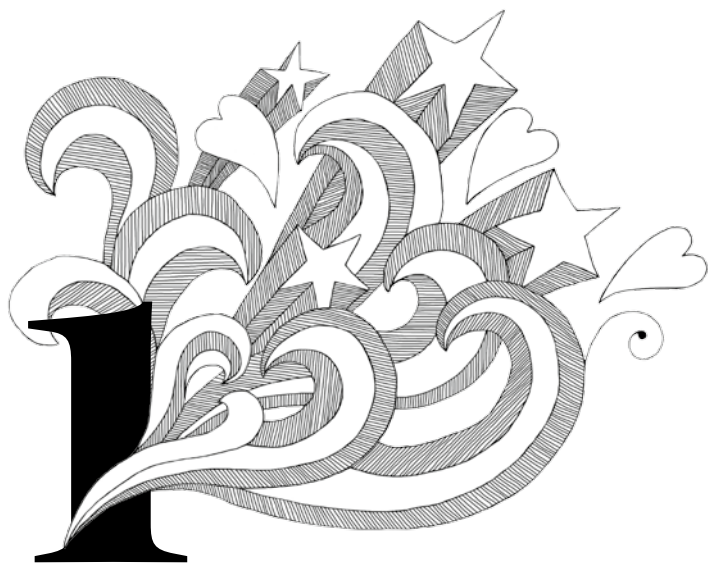
CAPÍTULO 26 **236**

CAPÍTULO 27 **243**

CAPÍTULO 28 **250**

CAPÍTULO 29 **257**

CAPÍTULO 30 **262**



NUMA BELA MANHÃ de sol, acordei maluca. Abilolada. Louca. Doida varrida. Destrambelhada. Não que eu ache. Não que eu mesma pense isso. A enfática e pausada afirmativa quem fez foi minha mãe, logo no café da manhã, ao avisar que tinha marcado um psiquiatra para mim na tarde daquele dia.

Na minha opinião, quem precisava de psiquiatra mesmo era o resto da família, não eu. Duvido que algum médico desse um atestado de sanidade mental para eles.

– Pra que você acha que eu preciso de um psiquiatra, mãe? – perguntei, com a maior paciência, tentando levá-la a sério.

– Porque você não está normal, Tetê! – esclareceu mamãe, suuuuperfofa.

– Como assim, não estou normal? Você acha de verdade que eu estou maluca? – Ai, Senhor, me dê forças...

– *Está?* Você é maluca, Tetê! Desde que nasceu! – entrou na conversa minha avó Djanira, megaultrablaster fofa, carinhosa mesmo, às gargalhadas. (É, gargalhadas! Sonoras gargalhadas.)

– Posso saber por que vocês estão me achando maluca? Assim, quais os motivos concretos que levaram vocês a essa *brilhante* conclusão?

– Tetê, repara: você não ri, está sempre de cara amarrada, de mal com a vida, não conversa, não tem amigos, não namora, vive pelos cantos, só quer saber de ouvir músicas tristes, de ver filmes tristes e de ler livros tristes – enumerou minha mãe. Pausou para respirar e continuou: – E não faz esportes, não sai, não dança, não pega sol, não come jujuba, não gosta de Nutella, não faz a unha, não depila o buço. Só fica feliz na cozinha. Onde já se viu? Você acha isso normal?

Então tá. Então eu agora era anormal. Oficialmente maluca.

E bigoduda.

Pelo menos para a minha família. Esse era o diagnóstico, e eles queriam também um atestado médico.

Quanto à cozinha, vale uma explicação: eu AMO cozinhar. Só penso em comida e, modéstia lá longe, eu ar-ra-so no forno e fogão. Sou praticamente uma Troisgros de saia. (Se bem que não uso saia nem sob tortura, morro de vergonha das minhas pernas.) Cozinhar é uma coisa que eu posso fazer sozinha, sem ninguém me julgando, e ainda tem a vantagem de poder comer o resultado depois. Então é tipo meu hobbie, meu passatempo.

Ao chegar à mesa do café, papai mal se sentou e eu logo quis saber a opinião dele:

– Pai, por acaso você também é da ala que me acha maluca?

– ãhn? Maluca? Você? Claro que não, Tetê – ele respondeu com a maior naturalidade.

– Ah, obrigada! – agradei aliviada. Alguém sensato no recinto.

Pelo menos uma pessoa sã enxergava que de anormal eu não tinha nada! *Eu sou só uma adolescente, poxa!*, respirei mais tranquila. Mas ele continuou a falar, para minha tranquilidade ir embora.

– Você está tristonha porque não namora, minha filha.

Ah, não posso acreditar no que eu estou ouvindo...

– Exatamente o que eu falei! – minha mãe entrou na conversa.

– As meninas da idade dela namoram, saem, se divertem...

– E isso não é problema nenhum, Tetê. Deixa as meninas da sua idade namorem. Você não precisa beijar ninguém pra ser feliz.

Puxa, quanto bom senso! Se bem que eu até que precisava beijar, algo que nunca tinha feito na vida, mas não era esse o ponto em questão. Quero dizer, não era *só* esse o ponto.

– Sei que ser sozinha causa mesmo uma certa tristeza. Mas, acredite, um dia um garoto vai gostar de você. Você não vai ser rejeitada para sempre. Digo, não vai se sentir rejeitada para sempre.

Agora eu era rejeitada também? Poxa, pai... Que coisa bacana de dizer... Só que não!

– Pai, eu não namoro porque não conheci ninguém interessante até agora – tentei ver se engatava uma conversa “normal”, mas já bem irritada...

– E o Joaquim aqui do prédio, que vive atrás de você? – questionou minha mãe.

– Vocês são doidos mesmo! Ele tem 12 anos! E eu tenho 15, esqueceram? – reagi, beirando um ataque de nervos.

– Nossa, jurava que ele tinha mais! – comentou mamãe, fingindo estar espantada.

– Ô Helena, o Joaquim não é aquele magrelão comprido filho da Jurema? – minha avó perguntou.

– Esse mesmo! – mamãe respondeu.

– Ah, é um partidão, Tetê! Qual o problema da idade? Ele é alto, boba! Passa por 15 fácil, fácil! E gosta de você, não reparou, não? – pontuou minha avó.

– Deixa a menina, gente! – vovô José partiu em minha defesa, como era de costume.

Vovó ignorou vovô:

– Que “deixa” nada! Isso é amor! Queridinha, os pais do Joaquim têm boa situação financeira. Vale a pena investir, hein? Vamos todos na próxima festinha de aniversário dele?

Levantei da mesa sem falar mais nada e fui correndo para o meu quarto, chocada com o diálogo daquela família biruta. E só saí na hora de ir para a consulta com o tal psiquiatra, que também era psicólogo – depois minha mãe me contou. Quem sabe ele me ajudava pelo menos a me acalmar e me ensinava a lidar com tanto doido que tinha à MINHA volta. Se ele era médico de maluco, pelo menos devia ter experiência!



MINHA MÃE ME LEVOU na consulta, claro. E óbvio que eu percebi rápido que psiquiatra não é um profissional que cuida de maluco ou de gente anormal, mas um cara que faz as pessoas pensarem, se avaliarem e se conhecerem melhor.

Quando a porta da sala do doutor Romildo se abriu e ele me chamou para entrar, vi que ele era um simpático senhor grisalho com óculos divertidos.

- Você é a próxima, pode vir - ele falou olhando para mim, fazendo sinal para eu entrar.

- Eu não vou com ela? - quis saber minha mãe, já em pé.

- Não, a senhora pode aguardar aqui. Ou, se quiser dar um passeio, pode voltar em 50 minutos, tudo bem? - ele disse na maior calma.

– Não, vou ficar aqui mesmo. Ai, meu Deus! Vê se fala tudo, hein, Tetê? Abre seu coração, bebê. Qualquer coisa, já sabe, mamãe está bem aqui.

“Bebê” ninguém merece...

– Tá bem... – reagi, resignada.

– Mamãe te ama! Mamãe te ama, bebê! – gritou ela antes que a porta do consultório se fechasse.

Doutor Romildo riu.

– É sempre assim?

– Quase sempre – respondi, sincera. Mas aí olhei em volta e fiquei confusa sobre como agir. Resolvi perguntar. – Nunca fui a um psiquiatra. O que eu tenho que fazer? Sento, fico em pé, deito, tiro o sapato?

Doutor Romildo riu de novo.

– Fica do jeito que quiser, como se sentir mais à vontade. Pode sentar ali. Respira, relaxa. E então é só falar o que vier à sua cabeça, Teanira.

Pausa! Pausa!

Sim! Você leu certo! Lástima das lástimas! Terror dos terrores! Meu nome é realmente Teanira. TE-A-NI-RA. Tem como uma pessoa que se chama Teanira ser cem por cento feliz?

Não, não tem, obrigada.

– Bom, podemos começar com meu nome, já que o senhor tocou no assunto. Acho que parte da minha tristeza vem dele – comecei. – É a junção de Tércio com Djanira, os nomes do meu avô paterno e da minha avó materna. Homenagem legal e tal... Mas isso é uma tremenda de uma sacanagem, o senhor não acha, doutor Romildo?

– Pode me chamar só de Romildo, querida. E de você.

– Ah, obrigada, Romildo. Então... Graças a Deus desde pequena eu sou conhecida como Tetê, porque Teanira não dá! Não dá mesmo! – desabafei, notando que aquilo não estava sendo tão

estranho quanto tinha imaginado. – Mas não é só o nome diferente que me angustia. Eu sei que estou longe do padrão de beleza atual, uso óculos pra corrigir meus cinco graus e meio de miopia, aparelho pra botar os dentes tortos no lugar, sofro com espinhas constringedoras na testa e não sou convidada para festas ou eventos sociais. E eu concordo com a minha mãe: não sou de sorrir muito.

– E por que você não sorri, Tetê?

– Sei lá, acho nada a ver gastar sorriso à toa, sabe?

Ele não respondeu nem que sim nem que não. Nem um levantar de sobrancelhas, nem uma balançada de cabeça. Fiquei sem saber se ele estava ou não concordando comigo. Com as mãos, ele fez sinal para que eu prosseguisse.

– É pra falar mais de mim, né? Bom... sou sensível a ponto de chorar em último capítulo de novela que nunca acompanhei, não gosto de raspar as axilas, acho isso uma coisa machista, e não sinto a menor necessidade de tacar cera quente no buço. Ele sempre foi bem ralinho, juro, mas, depois do ataque que a minha mãe deu hoje de manhã, estou repensando o assunto.

– Arrã...

Arrã? Só isso? Eu falando de um assunto sério como buço e ele me manda um *arrã*? Um mísero “arrã”? Ai, eu sabia que não ia rolar química entre o psiquiatra e eu...

– Arrã? – fiz, para ele ver que “arrã” não é coisa que se diga para uma menina que está confessando intimidades, desabafando tudo sobre os pelos do próprio corpo.

– E seus amigos?

Ah, tá... Entendi. Ele queria que eu falasse de coisas mais assim... Como posso dizer? Profundas. E importantes. Amigo é mais importante que bigode e sovaco, fato.

Mas...

– Eu não tenho amigos.

– Não?

Não. Se estou dizendo que não tenho é porque não tenho, eu tive vontade de dizer. Já estava louca para sair dali. Minha bunda enorme suava em bicas (sim, eu suava na bunda). Não sei se de tédio ou nervosismo.

Nervosismo. Fato.

Logo entendi que o Romildo queria que eu desenvolvesse o assunto. Mas eu não queria desenvolver o assunto...

– Não – repeti, seca.

– Por que você não tem amigos?

Droga! Eu nem sabia por onde começar a falar sobre amizade.

– Sei lá. A única amiga que tive foi a Jade, uma menina que parecia gostar de verdade de mim, que virava bicho pra me defender, muito legal. Mas depois de três anos ela se mudou para o Mato Grosso e eu fiquei de novo me sentindo solitária e desprotegida.

– Solitária e desprotegida? Hum... Interessante escolha de palavras...

– É? – indaguei, cabreira. O que seria uma “interessante escolha de palavras”? Achei melhor me explicar: – Eu me sinto solitária porque não sou de conversar, porque meu nome é timidez, porque não tenho amigos, e me sinto desprotegida porque choro pelos cantos de vez em quando. E amo música triste. Às vezes, ficou ouvindo Adele em *looping*, “I’m with you”, da Avril Lavigne, ou qualquer música que me dê vontade de chorar.

– Você chora muito?

– Já chorei mais. Sempre acho que eu sou a pessoa mais triste do mundo. E nem sei se tenho um motivo, vários ou nenhum pra pensar isso, sabe? Ou não sabe? Às vezes é um motivo qualquer, uma coisa que parece boba, tipo o sabor do chiclete.

– O sabor do chiclete?

– É! Todo mundo na minha família sabe que eu ODEIO canela, mas eles só compram chiclete de quê? De canela! Aí distribuem

entre si e eu fico sem mascar nem um chicletinho sequer! Depois eles falam que não querem que eu me sinta excluída...

– Hum...

Hum? Só isso de novo? Mandei logo uma frase de efeito para ele parar de reagir daquele jeito bocó aos meus sentimentos:

– Eu acho a vida uma enorme injustiça.

E ele mandou uma inacreditável frase:

– Por causa do chiclete de canela?

– Não! Não mesmo!

– Estou brincando.

Nossa, você não sabe brincar..., eu quis resmungar.

– Prossiga – pediu ele.

– Já pensei em me matar. Mas isso nunca ninguém soube. Tenho até vergonha de contar.

– Não tenha vergonha de falar nada, Tetê. Nada do que for dito aqui vai sair daqui.

Ufa... Menos mal...

– Tenho vergonha porque... Passou logo, mas foi um impulso ignorante que tive quando descobri a verdade sobre o Gustavo Sampaio.

Só de me ouvir dizer aquele nome dava uma tremedeira louca dentro de mim.

– Eu gostava do Gustavo Sampaio e achei que o Gustavo Sampaio gostasse de mim. Mas achei nada a ver me matar por causa de um garoto. Então preferi tomar uma decisão mais inteligente: nunca mais amar ninguém.

E é verdade! Não exagerei para o doutor, não! Estava decidido, decididíssimo, decididão. Se amar é sofrer, prefiro sofrer por outras coisas. E não são poucas as coisas que me fazem sofrer. A grande decepção da minha vida foi o Gustavo Sampaio. Na minha escola antiga, na Barra, onde moramos até o fim do ano passado, ele foi o único que um dia falou comigo.

– Ninguém gostava de mim, sabe, Romildo? E eu nunca entendi isso. Então um dia, na hora do recreio, o Gustavo Sampaio se aproximou e eu desabafei. Disse pra ele que me sentia um repelente humano. Tendo a ser um pouco dramática algumas vezes, mas juro que as palavras foram do coração direto pro ouvido do Gustavo Sampaio. E me lembro até hoje da reação dele. Foi assim, ó:

– Claro que não. As pessoas têm inveja de você, Tetê. Você é a queridinha dos professores, só tira notas boas.

– E isso lá é motivo pra ter inveja?

– Claro. Você é inteligente, mas não passa cola, não divide seu conhecimento. E ainda é bonita. Ninguém aguenta menina inteligente e gata.

– Gata. Ga-ta. O Gustavo Sampaio me chamou de gata. Quase morri. Romildo, você não tem noção do que é ser elogiada por um cara como o Gustavo Sampaio! Ele era perfeito. Sabe garoto perfeito? Muito perfeito?

O psi me deixou no vácuo. Tentei explicar para ele o que significava uma menina desajeitada, gordinha e excluída ser elogiada pelo Gustavo Sampaio:

– Cara, nunca ninguém, NINGUÉM, do sexo masculino, que não fosse da minha família, tinha me chamado de bonita. Se bem que... Pensando bem, elogios à minha fisionomia nunca fizeram parte da minha realidade. Nem meu pai, nem meu avô, nem meus primos, tios... Ninguém abre a boca pra falar da minha beleza, nem da ausência dela. Aí vem um Gustavo Sampaio, coisa louca de lindo e, vráááá!

– Vrá?

– Vrá! Me faz um elogio e vrá!

Pensa que Romildo se manifestou? Disse nada! Mesmo com a quantidade de informações relevantes que eu tinha acabado de dar. Custava ele agora fazer o cara legal e falar que eu era linda

mesmo? Tá, linda é exagero, ok. Mas bonita, pelo menos? Eu sei que não sou, mas psiquiatras e psicólogos não existem para botar a gente para cima? Não, né...? Tá bem, acabou o surto. Voltando à minha sessão de terapia...

– Eu sorri com todos os dentes quando ouvi o elogio do Gustavo Sampaio. Sabe sorriso de bocão? Sorriso de boca toda? Boca louca, boca descontrolada? Hum... Pela sua cara você não sabe. O fato é que não dava pra parar de sorrir! Simplesmente não dava! Bom, daquele dia em diante, o Gustavo Sampaio e eu passamos a nos relacionar. Viramos uma dupla dinâmica. Ele ia na minha casa, eu fazia meu sensacional cupcake pra ele, estudava com ele, via TV com ele, assistia a vídeos do YouTube com ele... Quando ele contou que eu era odiada pelo simples fato de ser boa aluna, cheguei a pensar em tirar notas ruins de propósito, pra ser aceita, mas ele, sempre incentivador, me tirou essa ideia da cabeça.

Sensacional cupcake de caneca

DIFICULDADE: REQUER DOIS NEURÔNIOS.

#oquevai

½ xícara de farinha de trigo • ½ xícara de açúcar
1 colher de fermento em pó • ⅓ de xícara de leite
⅓ de xícara de óleo • 1 ovo • chocolate em barra a gosto

#comofaz

- 1.** Peneire a farinha, o açúcar e o fermento em um pote e depois adicione o ovo, o leite e o óleo. **2.** Corte o chocolate em pequenos pedaços e junte à massa. **3.** Misture bem e coloque em forminhas para cupcake de papel ou em uma caneca (prefiro a caneca, *óóóbvio*). TEM QUE ENCHER A CANECA SÓ ATÉ A METADE, afinal, o bolo cresce! **4.** Leve ao micro-ondas por 2 ou 3 minutos. **5.** Depois é só esperar esfriar, decorar do jeito que você quiser e encher a pança.

– E o que aconteceu?

– Ah, Romildo... Em vez de eu virar uma aluna péssima, fiz as notas dele aumentarem. Em pouco tempo, Gustavo Sampaio estava craque em Português, História, Geografia, Matemática... Aí eu virei o retrato da alegria ao lado daquele menino lindo. Passávamos o recreio juntos, ríamos das mesmas piadas... Eu estava perdidamente apaixonada por ele. Gustavo Sampaio era meu porto seguro, meu amigo, meu amor. Não ligava pras minhas espinhas, meus quilos a mais, meus milhões de defeitos, meu cabelo volumoso e sem corte, minha falta de vaidade, minha pele mais branca que papel. Ele me respeitava, gostava de mim como eu era.

– Olha só...

Olha só? A minha mãe tá pagando esse cara para ele fazer ESSE tipo de comentário? Bufeí, mas continuei:

– Até que um dia, depois de meses de relacionamento, estranhei o fato de ele nunca ter me dado um beijo. Eu sou totalmente BV, Romildo! Nem selinho em brincadeira de salada mista eu dei. Até porque nunca ninguém me chamou pra participar desse tipo de brincadeira.

– BV?

– Não vai me dizer que não sabe o que é, Romildo!

– Barata Voadora? Barraqueira Venenosa? Boa Vigarista?

Que fofo! Ele fez piada (sem graça, mas fez)! Gostei do Romildão (mesmo ele tendo rido da piada sem graça que ele mesmo fez)!

– É Boca Virgem, o que quer dizer boca zero-quilômetro. Nem o espelho eu beijeí pra treinar, tenho nojo da minha baba. Ninguém nunca encostou a boca na minha boca. Entendeu?

– Eu sei o que é BV! Atendo vários adolescentes. Estava brincando com você!

– Ah, bom! Que alívio. Então continuando: eu resolvi conversar com o Gustavo Sampaio, mandar a real pro menino. Mentira. Eu parti mesmo pra cima dele, num acesso súbito de falta de timidez,

com a boca em formato de bico pra dar a ele um entendimento imediato do recado.

– Taí uma atitude corajosa. Como foi?

– Ele gritou.

– Gritou? Por quê?

– De medo. Ele ficou com a maior cara de medo que eu já vi, fato. Sei que sou exagerada, mas não estou exagerando. Juro.

– Não precisa jurar, eu acredito em você.

Segui contando ao Romildo que, refeito do susto, Gustavo Sampaio disse que gostava de mim como amiga e acrescentou que tinha se aproximado por interesse, já que seus pais só o levariam à Disney se as notas dele melhorassem. Eu quis matar o Gustavo Sampaio, mas decidi não matar. Ele queria ir para a Disney, tadinho. E foi sincero. Demos um abraço e eu me contentei com o fato de não ter um namorado, mas pelo menos ter um amigo para sempre, como ele jurou que seria.

– Então tudo terminou bem?

– Não exatamente. Ele espalhou pros amigos, pros não amigos e pros ex-amigos da escola que eu estava desesperada pra arrumar alguém, louca pra beijar qualquer coisa que respirasse, carente irremediável e, catástrofe das catástrofes, que meu sovaço fedia a molho de tomate vencido. E meu sovaço nunca fedeu! Nunca! Sou bem limpinha! Nessa época eu tomava banho quase todos os dias, e sempre que me lembrava eu passava desodorante. Ok, ficou meio nojenta essa frase, mas juro que eu sou limpinha e cheirosa.

– Não precisa jurar, Tetê...

– Desculpa, é mania. Bom, minha vida virou um inferno depois da traição do Gustavo Sampaio. Eu era zoada diariamente na escola. Muito zoada. A ponto de desejar voltar no tempo, pros meses em que eu era *só* ignorada. Foi péssimo. As pessoas agora me conheciam e me achavam a louca encalhada! Pior! Virei alvo de

pseudoengraçadinhos que não perdiam a chance de fazer piada com minha atitude, com meu jeito, com meu nome... Ganhei uns apelidos bizarros: Tetê-deprê, Tetê-encalhadaê, Tetê-não-me-mordê, e um que virou o preferido da escola, Tetê do Cecê. Tetê do Cecê!!! Ninguém merece, Romildo!!

Fiquei feliz que ele não riu. Nem fez cara de pena. Continuou com sua cara de caneca vazia. Cara de nada.

– Foi bem difícil suportar as “brincadeiras”. Engordei oito quilos. Todo dia era leite condensado com sucrilhos no café da manhã. E eu comecei a fazer doces incríveis, né? Bolos, mousses, pudins... Fiquei mais calada do que já era, minhas notas caíram e eu só queria ficar na cama, comendo e chorando. Foi devastador.

Nessa hora eu comecei a chorar no consultório, na frente do Romildo. Bateu uma vergonha... Mas não consegui segurar as lágrimas. O legal é que ele tinha uma caixinha com lenços de papel ao lado dele e me ofereceu para enxugar meu rosto. E só então eu percebi que outros pacientes deviam chorar ali, o que me deu um certo alívio. Respirei fundo e continuei:

– Mesmo tendo prometido pra mim mesma nunca mais amar ninguém, eu logo me apaixonei pelo Alexandre Bueno, de outra sala. Ele era baixinho mas tinha os ombros largos, o que eu achava lindo. Mas, analisando o conjunto da obra, ele era bem feinho. Sabe filhote prematuro de capivara? Não sabe? Bom, o que eu quero dizer é que ele era perfeito pra mim! Decidi que, no papel de feia, tinha que gostar de um feio. O hálito do Bueninho não era exatamente de flores, daí o simpático apelido de “Boca de Cocô”, mas ele era engraçado – descrevi, cada vez mais confortável em dividir minha história com o Romildão.

É, já éramos íntimos na minha cabeça.

– E é sempre bom estar por perto de gente engraçada, não é?

– Super é! – me empolguei na resposta. – Aí começaram a brincar dizendo que Tetê do Cecê, euzinha, e Boca de Cocô, Bueninho,

tinham que ficar juntos. Mas ele um dia mandou um “Sai pra lá! Essa menina, além de porca, é horrorosa!”. Assim, meu coração foi partido duas vezes no mesmo ano. E eu mantive a promessa de que nunca mais iria me apaixonar por ninguém. Ninguém! Ninguém!

– E é por essas histórias que sua mãe quer que você faça terapia?

– É, acho que sim. Minha mãe diz que não estou normal. Eu até acho que não tenho como estar totalmente normal, sabe? Porque enquanto tudo isso acontecia na minha vida, em casa o negócio estava mais sinistro ainda, porque eu acompanhava em silêncio as brigas dos meus pais. Eles nem tentavam disfarçar, quebravam o pau todos os dias na minha frente, sem a menor cerimônia. Depois de um tempo, eles decidiram se separar. E eu respirei aliviada. Sabia que ia ser melhor pros dois. Eu me sinto meio culpada de ficar aliviada com uma separação, mas...

– Não tem que se culpar, Tetê. As brigas dos seus pais não são culpa sua, e ninguém gosta mesmo de viver em um ambiente assim.

Com aquelas palavras, Romildão tirou um piano muito pesado das minhas costas. Até suspirei aliviada. Prossegui:

– Quando minha mãe começou a procurar apartamento pra morar, meu pai perdeu o emprego na multinacional em que ele trabalhava fazia séculos. Ele era respeitado, eu acho, e ganhava bem... Não era rico, mas nossa vida era legal na Barra, nunca faltou nada lá em casa. Mas a crise chegou, você sabe, e a empresa cortou muitas cabeças, inclusive a dele – contei.

Dois lagos gigantes se formaram nos meus olhos assim que eu dei uma pausa no meu desabafo. Baixei a cabeça.

– Pode chorar à vontade, Tetê – disse Romildão fofo, passando de novo a caixa com lencinhos de papel.

E eu chorei, mas só um pouquinho. Tinha muito mais coisas para dividir com o psi.

– Pior de tudo foi descobrir que meu pai gastava todo o dinheiro que sobrava apostando em cavalos, e, além disso, ele

devia a um e a outro, devia pro banco e acabou poupando praticamente nada durante todo o tempo de empresa. Resultado: ficou sem dinheiro.

– E como isso bateu em você?

– Mal, né? Malzão. A gente acha que nossos pais são perfeitos e tal, e nesse dia descobri que ele não era. Nem economizar ele sabia. Fiquei bem magoada com o descaso dele com a minha mãe e comigo. Então eles decidiram dar mais uma chance ao casamento. Mas acho que essa decisão não tem nada a ver com amor. Tem a ver com grana. Mais fácil pro meu pai ficar casado do que bancar nós duas longe, duas casas, essas coisas...

Era difícil demais relembrar aquilo tudo... Mas falar e, principalmente, me ouvir falar tinha um poder de melhora avassalador. A minha alma parecia mais leve.

– E como você encarou essa mudança?

– Achei uó! Uó! Tivemos que mudar de mala e cuia pra Copacabana, pra casa dos meus avós, na rua Siqueira Campos, porque meus pais precisaram vender o apê em que a gente morava no Jardim Oceânico, na Barra, pra pagar as dívidas e ter algum dinheiro pra viver, já que meu pai ainda estava desempregado! E eu, que sempre gostei de ser sozinha, passei a dividir o teto com pai, mãe, vô, vó e meu bisavô, pai da minha avó.

– Sei...

– E na semana que vem, eu vou começar em uma escola nova e, pior, é uma nova fase, é o Ensino Médio. Estou morrendo de medo. E se a zoação e o bullying rolarem de novo? E se eu não conseguir me enturmar? Todo mundo já deve se conhecer por ser da mesma escola desde o Fundamental. Mas eu vou ser a nova, o peixe fora d'água... Estou bem insegura com tudo!

Tive vontade de perguntar pro Romildão: tem como eu ser uma adolescente felizinha e serelepe? Tem? Tem? Mas eu mesma responderia: Não! Não tem!

– Sim, escola nova, Ensino Médio... É compreensível a insegurança. Mas veja pelo lado bom, Tetê. Quem sabe não vai ser uma experiência muito melhor que na escola anterior? E é uma oportunidade de fazer amigos também.

– É... Olhando por esse lado, pelo menos aquele horror da escola da Barra, os apelidos e o Gustavo Sampaio eu não vou ter que encarar mais.

– Sim, é isso. Mas, voltando ao assunto da sua família, sua mãe trabalha, não é?

– É, ela trabalha num escritório grande de advocacia, na parte de contabilidade, mas odeia o que faz. E o que ela ganha não daria pra manter a vida que a gente tinha. Agora ela diz que meu pai é um acomodado, e usa muito essa palavra pra falar dele. Aliás, os dois continuam brigando. Meu pai se nega terminantemente a procurar emprego. Então é ela quem lê o jornal à procura de oportunidades de trabalho. Circula várias vagas que têm a ver com o perfil dele, mas ele dispensa todas, diz que são oportunidades insignificantes, que não vai se sujeitar a um trabalho menor do que sua “imensa capacidade intelectual”. Nunca achei meu pai essa inteligência toda, mas autoestima equivocada é isso aí, né? Um dia teve um diálogo bizarro entre os dois – e imitei meus pais falando para o psi:

– Às favas com a sua intelectualidade, Reynaldo Afonso! Emprego é emprego. Você tem que trabalhar para botar dinheiro em casa. Eu sozinha não dou conta!

– Vai aparecer, Helena Mara! Calma! Essa sua pressão não faz nada bem para mim.

– Ah, sim. Meu pai se chama Reynaldo Afonso e minha mãe Helena Mara. E sempre que eles brigam usam os dois nomes, e parece que a agressão fica maior ainda.

– *Também não faz bem para os meus pais ter você de encosto, vivendo à custa deles, Reynaldo!*

– Sei... Falando nos seus avós, como está sendo a experiência de morar com eles? – quis saber Romildão.

– Nada de mais. Estamos lá há dois meses e 22 dias. O passatempo preferido da vovó Djanira é falar dos outros, de mim inclusive, se metendo na minha vida, e ler o obituário no jornal. Não sei por que tanto interesse em saber quem morreu. Ela tem uma certa fixação com o assunto morte e acha enterro um programa. Um dia me chamou pra passear no cemitério com ela, e “apreciar a beleza do silêncio”. Eu estava deitada lendo *A culpa é das estrelas* pela milésima vez quando ela veio me chamar pra uma “volta no paraíso”. Depois eu que sou a louca.

Romildo apenas deu um leve sorriso.

– A minha família se comunica aos berros, mil decibéis acima do normal.

– Olha só, e você fala tão baixinho, tão pra dentro...

– Exato. Adoraria saber como é viver numa casa sem gritos – desabafei. – Agora estou me adaptando ao fato de dividir o quarto com meu bisavô. Ele tá ficando surdo e quando ronca parece que tem uma orquestra sinfônica no peito, sabe? Não, não sabe, claro...

– Sei sim, querida – interagiu ele, com um sorrisinho discreto.

– Bom, mas infelizmente nosso tempo acabou.

Pensei: *Já?* Só não verbalizei. Por dentro eu não sabia se queria falar mais, se queria repetir a dose outro dia, se queria vê-lo novamente nesta vida...

– E qual é meu diagnóstico? Eu sou normal? Sou maluca? – perguntei, morta de medo da resposta.

– Nunca uso essas palavras, Tetê. Como psiquiatra e psicólogo, eu diria que você é uma típica adolescente, com questões próprias da sua idade. Está passando por uma fase delicada com sua

família, sim, e a terapia pode ajudar você a superar seus problemas e a colaborar para que se socialize mais, mas precisa querer. Tem que partir de você a vontade de vir uma vez por semana, e não da sua mãe. É *você* que tem que querer, certo? Essa decisão tem que ser exclusivamente sua.

Amei Romildão.

Levantamos e fomos saindo em direção à sala de espera. Minha mãe estava aflitíssima me esperando e foi logo querendo conversar com Romildão e saber dos meus “problemas sérios”.

– São muitos remédios que o senhor prescreveu, doutor? – mãe logo perguntou.

– Nenhum remédio.

– Nenhum remédio? Como?

– Calma, dona Helena Mara, não é nada que preocupe muito, é coisa da idade. A decisão de fazer terapia é inteiramente dela. Semana que vem eu ligo para a senhora pra ver o que a Tetê decidiu. Caso ela queira continuar, falaremos sobre horários e honorários. Mas eu deixo aqui uma sugestão: ela deveria fazer alguma atividade física ao ar livre, isso ajuda muito. Endorfina! Também recomendo se matricular em um curso de teatro, para vencer a timidez e fazer amigos.

Concordei com a cabeça, sabendo que jamais faria nenhuma atividade ao ar livre. Detesto natureza. E teatro neeeem pensar. Sou muito envergonhada.

Saí de lá aliviada.

– Viu, mãe? Não sou anormal nem maluca! – falei triunfante.

– Você é que pensa! Péssimo esse médico. Péssimo. Vou perguntar no trabalho se alguém conhece outro bom profissional. Quero uma segunda opinião. Nunca mais confio nas indicações do Moacyr, aquele amigo do seu pai. Não sei por que fui pedir ajuda logo para ele...

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br